

**ALGUMA COISA BOA
HÁ-DE ACONTECER-ME**
BIOGRAFIA DE JOSÉ POEIRA

JOSÉ CARLOS GOMES

NÃO-FICÇÃO • BIOGRAFIA

Índice

Próxima estação: Esperança	9
Do pouco se faz bom	13
Sagrada Escritura	17
A primeira vez	21
O <i>tandem</i> improvisado e a nuvem privativa	25
É para ires à Europa.	29
O fantasma do frade e o jovem bom samaritano	33
Construir o sonho.	37
Primeiro contacto olímpico	41
Finalmente, a grande oportunidade!.	43
Vitória do novato e do veterano.	45
Descanso activo com mais de 300 quilómetros	51
Santo da casa	53
Mudança de equipa e de paradigma.	61
Primeira vitória na Volta a Portugal.	65
Serviço combinado com a CP.	71
Corrida de ciclismo ou partida de xadrez?	75
Nova realidade	83
Testemunha ocular e companheiro de aventuras	89
Virar a página negra do ciclismo português	93
Alguma coisa boa há-de acontecer-me	97
Nova «fornada» de ciclistas	101
Rei por um dia ou conde toda a vida?	103
Abertura de fronteiras.	109
Se leva a bicicleta, use cinto de segurança	113
A bicicleta a quem a pedala	119
Evolução na continuidade.	123
Quando entrarmos, vai ser de pés juntos	131

Preparar o futuro no maior palco do desporto mundial	133
Os autocarros já se foram todos embora, mas nós ainda cá estamos.	137
Mérito reconhecido	143
O teste do Moinho do Pisco ou mais um 13 que não deu azar	145
A Selecção como trampolim na Volta a Portugal	149
Os contra-relogistas dizem presente	151
Um táxi na corrida	155
A sementeira frutifica.	157
Nascem os Europeus de elite	161
As intermitências do Futuro	165
Será que eles já conhecem o António Morgado?	169
Quando as gerações se cruzam	177

Próxima estação: Esperança

Quando se apeou do autocarro que o trouxera de Odemira, no final de uma tarde fria de Janeiro de 1979, José Poeira ignorava estar a pisar um chão onde, em 1905, fora inaugurado o Velódromo de Palhavã. Mas era precisamente o ciclismo que ali o trazia, embora já não houvesse vestígios da antiga pista e o local já fosse popularmente conhecido como Praça de Espanha.

Aos 19 anos, José Poeira abandonava o seu Alentejo, região natal, e a casa dos pais. Na mão direita carregava os escassos pertences, que embalara numa mala de cartão, selando o embrulho com um cordel. Na mão esquerda transportava o sonho de uma vida, materializado numa bicicleta desmontada. Queria ser ciclista profissional e estava disposto a ultrapassar todas as adversidades para o conseguir.

Demandava a capital em trânsito para continuar uma vida dupla, que já o ocupava no Alentejo: o trabalho na construção civil e a prática de ciclismo, ao serviço do Sporting Clube Pinheiro de Loures. O elo entre o trabalho e o desporto era um encarregado de obras, de apelido Simões.

Foi com ele que José Poeira combinara encontrar-se na Praça de Espanha, às 19 horas daquele domingo. O frio, normal num início de noite de Janeiro, castigava as poucas pessoas que estavam na rua àquela hora. Mas foi outra coisa que provocou o arrepio mais forte no jovem alentejano.

Não havia sinal do seu interlocutor. Inicialmente, atribuíra a ausência a algum imprevisto ou atraso. Mas, já depois das oito da noite, começava a pensar no que lhe dissera o pai, quando anunciara a intenção de partir para Lisboa:

– Mas para onde é que tu vais? Não conheces as pessoas.

Desconfiado de que, realmente, não sabia no que se tinha metido, José Poeira sentiu-se desesperado. Além de não conhecer mais ninguém, além do tal Simões, aquele era um território hostil. Nunca se imaginara a viver na grande cidade e ali estava ele, sozinho, numa época em que, convém lembrar, não havia telemóveis. Mas, talvez por isso, as pessoas exercitavam o hábito de decorar números de telefone. E veio à memória do jovem pretendente a ciclista o número de casa do encarregado de obras, que usara nos contactos anteriores, quando se deslocava ao posto de correios de Odemira para telefonar, dado que em casa não havia telefone.

Tomado por uma última esperança, pediu a uma senhora que passava por perto para lhe tomar conta da mala e da bicicleta, enquanto procurava uma cabina telefónica. Discado o número, nenhuma resposta do outro lado.

Cada vez mais aflito, pensou num último recurso. Chegara para ser ciclista, mas também iria trabalhar na edificação de habitações em Queluz de Baixo. Vai daí, fez paragem a um táxi e indicou, um pouco timidamente:

– Leve-me a Queluz de Baixo, por favor.

A dada altura da viagem, o taxista avisou:

– Queluz de Baixo começa aqui e vai por aí acima. Onde quer ficar?

Olhando em volta, José Poeira viu uma taberna aberta. Acreditou que poderia encontrar a agulha no palheiro: o encarregado Simões, numa zona em que se somavam os esqueletos de prédios em construção, de várias empresas, e não apenas do empreiteiro para o qual iria trabalhar. Ainda assim, arriscou:

– Espere aqui só um bocado. Ficam aí as minhas coisas. Vou ali a esta taberna e já volto.

O ambiente era o esperado. Um taberneiro sorumbático atrás do balcão. Muitos trabalhadores das obras, com gorros enfiados na cabeça, lápis atrás da orelha, concentrados nos jogos de cartas. Talvez a dinheiro.

– O senhor conhece um Simões, que é encarregado nas obras?

A pergunta não fez luz na cabeça do taberneiro.

– Pergunte a essas pessoas. São das obras. Pode ser que o conheçam.

Encabulado e cada vez menos esperançoso, abeirou-se dos jogadores de cartas:

– Desculpem, por acaso não conhecem o senhor Simões, que é encarregado aqui nas obras?

Um dos homens desviou o olhar do baralho, perscrutou o visitante e inquiriu:

– Tu é que és o ciclista?

Nenhum deles era o seu contacto, mas todos estavam avisados da chegada e, depois de encerrada a jogatana, levaram-no para o alojamento: uma cave de um prédio em construção. O andar subterrâneo, já concluído, servia de abrigo aos trabalhadores. Era ali que descansavam enquanto se procedia à construção dos pisos superiores. Estava equipado com divãs e, apesar de frio e húmido, permitiria repousar logo na primeira noite, do resto da vida na capital, de Poeira. Mesmo que não existissem os lençóis e as mantas que Simões prometera. Dormiu vestido na jornada inaugural do sonho de tornar-se ciclista.

Apesar de as emissões televisivas em Portugal ainda serem maioritariamente a preto e branco, o odemirense já sabia que a vida é a cores, de matizes bem variadas. Ninguém é completamente bom ou mau, «preto ou branco», pode conter vários tons do arco-íris. Simões não era excepção, como veremos mais adiante. Mas, antes, regressemos às origens.

Do pouco se faz bom

No mesmo 20 de Maio de 1959 em que o belga Rik van Looy venceu, em Roma, a 5.^a Etapa da Volta a Itália, nascia, a mais de dois mil quilómetros, o quarto filho de José Poeira e Olinda Costa Poeira. Ao contrário dos irmãos António, Maria de Jesus e Mário, dados à luz em casa, José Joaquim Costa Poeira constituiu o primeiro parto hospitalar da família. O nascimento no Hospital de Odemira era um sinal de que as condições de vida poderiam estar a melhorar, mas era ainda um ténue indício, desmentido quotidianamente durante as décadas seguintes.

Os pais e os quatro filhos viviam na vila de Odemira, inicialmente numa habitação com muito poucas condições, no Alto de S. Sebastião. A mãe tomava conta da prole e da casa, o pai procurava ganhar o sustento, numa região sem indústria e muito dependente da sazonalidade dos ciclos da agricultura, que provocavam precariedade e baixos rendimentos.

Sem fatura, a família não era mais pobre do que as famílias vizinhas. O pequeno José sentia as dificuldades, mas, como não conhecia vidas diferentes, não estranhava. O pai ia sendo contratado, à jorna, para a ceifa dos cereais, a extracção de cortiça ou o fabrico de carvão. Também colaborava na padaria de umas primas, carregando lenha, no mato, para alimentar os fornos. Só que o pagamento, em pão, não correspondia às necessidades da família nem ao esforço investido. Um dia, fartou-se e resolveu criar um negócio próprio.

Apesar de Odemira ter uma costa Atlântica que, nos dias que correm, é muito apreciada e procurada pelos turistas, parte do concelho permanecia afastada do mar e dos seus recursos. Foi a pensar nisso que o pai Poeira adquiriu um burro. A ideia era ir ao mercado e comprar o

peixe, que chegava de Vila Nova de Milfontes ou da Zambujeira do Mar, para depois vender nas povoações mais recônditas. O início da actividade beneficiou da boa vontade de um peixeiro, que lhe fiou a primeira mercadoria.

Com o ajudante asinino carregado, ia pelos montes, onde viviam pessoas sem meios ou sem o hábito de visitar a vila. Tinham aves, porcos e outro gado, leguminosas e outros produtos da terra também, mas faltava-lhes o pescado. Uma vez vendia o peixe, mas noutras ocasiões fazia troca directa. Determinada porção de peixe valia uma certa quantidade de ovos ou de galinhas. A vida começou a melhorar, mas só estabilizaria, embora sem nunca ficar propriamente desafogada, quando o chefe de família conseguiu emprego nos serviços florestais. Nessa altura, a família pôde mudar-se para uma casa melhor e, nas novas funções, o patriarca acabaria por conhecer o engenheiro António Colaço, que viria a ser importante no percurso desportivo do caçula.

Os obstáculos dos primeiros anos ajudaram a «curtir» a personalidade do jovem José. Deram-lhe capacidade de resistir e vencer as adversidades, determinação para alcançar objectivos e para se superar, mas também o gregarismo e o espírito de entreajuda. Tudo características que qualificam para a prática de ciclismo.

Como qualquer bom alentejano, também aprendeu a fazer muito com pouco. É neste aparente paradoxo que reside o grande segredo da gastronomia da região. Sem meios para ter os ingredientes mais caros, os alentejanos sempre coloriram de sabor os pratos mais baratos e simples, recorrendo ao que a terra lhes dava ou ao que era rejeitado por outros, como o cação, usando as ervas aromáticas como um poeta usa as figuras de estilo. Na boa poesia, os recursos estilísticos multiplicam significados e expandem o poder das palavras. Na gastronomia alentejana de qualidade, os temperos injectam vida no sabor natural dos alimentos. Num caso e noutro, são proporcionadas intensas viagens sensoriais.

Com uma mãe que era cozinheira de excelência, José ganhou o gosto pela culinária que mantém até à actualidade. Aprendeu a preparar os alimentos desde a matança do porco até à sua confecção,

passando pelas técnicas ancestrais de conservação, naquela altura ainda essenciais, porque ter frigorífico não era uma realidade palpável.

Mesmo os vizinhos, quando faziam a matança do porco, requisitavam Olinda Costa Poeira para lhes temperar as carnes e preparar a salgadeira, em que se conservavam as partes nobres, mas também as vísceras do animal. Atento aos detalhes, o pequeno Poeira ia tomando «notas mentais» de como tudo se processava, absorvendo o máximo conhecimento possível.

Foram incontáveis as vezes em que se sentou para ver a mãe preparar a salgadeira. Ou a retirar a carne para demolhar antes de cozinhar. Ou ainda a conservar a carne, já frita, na sua própria banha. Tudo técnicas que entraram em desuso, pois o recurso ao frio permite hoje a conservação dos alimentos de forma mais simples e cómoda. Ficaram, no entanto, marcas bem fortes no palato e no espírito de José Poeira, e que se prolongam ao longo da vida. Como não recordar a minúcia com que a mãe cortava pimentos vermelhos em tiras finas, cobrindo-as com uns punhados de sal antes de fazer novas camadas de pimentos e outras ainda de sal? Tudo era selado com um pouco de azeite ou óleo, para evitar a penetração do ar e o nascimento dos fungos. Esta conserva que, dura anos, é utilizada para fazer a massa de pimentão. Será um tempero de excelência ou uma figura de estilo da gastronomia? Dezenas de anos depois de ver a mãe usar esta fórmula, José Poeira imita-a na perfeição, conseguindo, com este toque, conferir aos seus cozinhados um pouco do «aroma da infância».

Outra memória sempre vívida para José Poeira é a das papas de milho que o acompanharam durante a meninice e que se lhe entrnharam na alma. Por serem baratas, fáceis de obter e nutritivas, constituíam a base da alimentação familiar. Cobrindo o fundo do prato, acompanhavam tudo. Comia-se papas com um pouco de leite, com uma sardinha, com carne frita ou linguiça. Já depois do falecimento da mãe, na distribuição dos pertences entre os irmãos, José Poeira fez questão de resgatar o tacho em que era preparado aquele conduto. Sinal inequívoco de como ficou para sempre marcado pela comida e pelo amor com que a mãe a preparava durante a sua infância.

«A culinária é a minha outra paixão. Não fosse o ciclismo, talvez me tivesse especializado nessa área», costuma dizer aos amigos. Alguns já experimentaram os pitéus do *chef* Poeira, que, além da culinária alentejana, herdada da mãe, manteve ao longo da vida a curiosidade pela arte de transformar os alimentos. Pesquisa técnicas de confecção de pratos típicos portugueses, mas também aprimora o conhecimento directamente com quem sabe da arte. «Quando ando pelo país, procuro falar com as pessoas e aprender as técnicas. Gosto de ir buscar os sabores próprios dos alimentos. No Alentejo, aprendemos que do pouco se pode fazer o bom».

Sagrada Escritura

Soeiro Pereira Gomes dedicou o romance neo-realista *Esteiros* aos «filhos dos homens que nunca foram meninos». Esse era o destino de grande parte da juventude portuguesa durante a ditadura. Obrigados a trabalhar desde muito novos, cresciam homens que nunca teriam a oportunidade de brincar e de sonhar, acelerando e queimando etapas no ciclo normal de desenvolvimento dos seres humanos.

José Poeira ainda estudava quando se deu o 25 de Abril, mas a liberdade e a Revolução não lhe mudaram de forma determinante o destino. Já habituado a trabalhar numa fábrica de molho de tomate durante as férias lectivas, aos 16 anos, enquanto o país fervilhava com o que viria a ser conhecido como Verão Quente, abandonou definitivamente os estudos e empregou-se para ajudar a pagar as contas familiares e para ter algum aforro para os gastos próprios. Começou numa empresa de fabrico de depósitos industriais de água. Guardou boas recordações da experiência. O novel trabalhador gostou de aprender o ofício, e o patrão, António Silvestre, apreciou-lhe a dedicação e a competência. Em pouco tempo já o adolescente tinha dois adultos como serventes, algo que o deixou orgulhoso e que o marcou.

Esse foi o lado do homem que nasceu antes do tempo, mas que nunca matou por completo a criança dada às aventuras e ao sonho. E foi pouco antes de deixar os estudos que José Poeira começou a concentrar os seus desejos no ciclismo. Isso aconteceu por um conjunto de factores, resultantes, obviamente, das preferências pessoais, mas também do contexto em que vivia.

Como enquadramento geral no mundo do ciclismo, temos um país rendido a um ídolo. Joaquim Agostinho iniciou tardiamente a carreira de ciclista, mas apresentou-se como sobredotado. Na estreia